

Perguntas que respondem: preparando o entrevistador para a pesquisa qualitativa

Maria Isabel Montandon
Universidade de Brasília-UnB
misabel@unb.br

Sumário:

Entrevistas têm sido cada vez mais usadas em pesquisas qualitativas em educação musical. No entanto, a forma como a entrevista tem sido usada pode comprometer sua fidedignidade. Nesse sentido, propomos a preparação do entrevistador que consiga realizar entrevistas com dados fidedignos e relevantes que, aliada à análise, produza realmente novos conhecimentos.

Palavras-Chave: entrevistas, formação do entrevistador, pesquisa qualitativa.

Introdução:

Assim como em outras áreas, a técnica da entrevista tem sido cada vez mais usada em pesquisas qualitativas em educação musical. É possível desenvolver uma pesquisa somente com entrevistas, ou usá-la como uma técnica dentro de outros métodos de levantamento de dados. Considerando a abordagem interpretativa da pesquisa qualitativa, onde seus pesquisadores estudam as coisas a partir de seus contextos reais, “tentando entender, ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (Denzin e Lincoln, 2003, p. 17), a entrevista pode ser uma ferramenta eficaz no levantamento de dados para a produção de novos conhecimentos a partir do universo pessoal de cada um.

No entanto, até que ponto a entrevista, em si, produz conhecimentos novos? Ou, que conhecimentos novos a entrevista pode trazer? Ou ainda, qual entrevista traz dados que poderão produzir novos conhecimentos?

Realizar uma entrevista, por si só, não é garantia de produção de conhecimentos capazes de sustentar uma pesquisa qualitativa. A contribuição científica da pesquisa irá depender tanto de que dados serão levantados (relevância, consistência, confiabilidade) quanto de que análise será realizada com esses dados. Assim, mesmo que a pesquisa tenha um problema e questões de pesquisa claros e bem formulados, se a entrevista não for bem conduzida, ela não irá cumprir com sua função de instrumento da pesquisa qualitativa.

Tenho me deparado com trabalhos de pós-graduação cujas entrevistas (ou suas interpretações) acabaram por ser usadas para: 1) “comprovar” o que o “pesquisador” “já sabia”; 2) levantar informações e dados puramente descritivos, quantitativos, objetivos e concretos – o que poderia ter sido feito com um questionário. Ainda, em muitas pesquisas, as entrevistas simplesmente não respondem às questões de pesquisa. Em todos os casos, a entrevista não cumpriu sua função de “técnica de coleta de dados [...], possibilitadora de intervenções para a resolução dos problemas apontados e detectados”. (Rosa e Arnoldi, 2006, p.7). Se a produção de novos conhecimentos e, portanto, sua contribuição científica depende da coleta e do nível de interpretação das informações geradas pelos procedimentos, é possível concluir que a qualidade da pesquisa irá depender do entrevistador/analista (Albarelo et al, 1997; Szymansky, 2004; Rosa e Arnoldi, 2006). Segundo Rosa e Arnoldi (2006),

os entrevistadores/pesquisadores são os responsáveis pelo direcionamento e condução da Entrevista, pois deverão oferecer garantias quanto à sua adequação. E só conseguirão esse resultado se forem profundos conhecedores da técnica e dos procedimentos corretos de aplicação, das formas de registros e da categorização. (p. 8)

As fases da preparação de um entrevistador:

A. “Eu sei o que eles pensam”

O caso de um aluno (Borges)¹ exemplifica outros que conheço. Ao vir para o mestrado, com uma ampla experiência no ensino e na execução², tinha certeza do que seus colegas (professores de instrumento) pensavam, porque pensavam daquela forma, porque a escola estava estruturada dessa ou daquela forma, etc. Isso tem sido uma característica de profissionais já experientes – o desenvolvimento, legítimo, de um conjunto de conhecimentos desenvolvidos nos contextos de suas experiências práticas. Levamos um tempo até que ele entendesse que a pesquisa empírica, embora possa tratar de experiências que lhe são familiares, deve buscar algo que não se sabe dentro do universo do que já se sabe. Como observa Garcia (In, Moreira et al, 2001), “quem tem certezas não tem boas razões para fazer pesquisa [...] a dúvida, a incerteza, a insegurança, a consciência de nosso *ainda não saber* é que nos convida a investigar e, investigando, poderemos aprender algo que antes não sabíamos” (p. 16, *italico do autor*).

As discussões sobre a problemática, questões de pesquisa e referenciais teóricos ajudou a desconstruir certezas sobre o mundo profissional que conhecia e que queria pesquisar. No entanto, foi por meio da experiência prática, vivenciada no piloto e nas próprias entrevistas, que o aluno foi, aos poucos, desenvolvendo a compreensão de como conduzir uma entrevista que produza dados inéditos, reveladores, imprevistos.

Na fase de preparação para a entrevista, solicitei a ele que formulasse perguntas sobre o que queria saber das pessoas que iria entrevistar, a partir de suas questões de pesquisa. Borges rapidamente me respondeu com dezenas de perguntas. Começamos a trabalhar então, no sentido de 1) analisar a relação de proximidade entre as perguntas formuladas com seu objetivo de pesquisa, 2) organizar as perguntas por temáticas, descartando as que tinham a mesma função; 3) analisar o tipo e a natureza das questões – quais teriam características de questões abertas, semi-abertas, fechadas, e quais seriam de interesse para responder à pesquisa.

Nesse caso, senti a necessidade de realizar um piloto, para que o aluno pudesse, por ele mesmo, verificar o efeito das perguntas até então selecionadas. Por considerar o desempenho do entrevistador como de suma importância, a realização de pilotos é defendida por Szymanski (2004) pois “é necessário um período de treinamento, em especial para aqueles pesquisadores que não tiveram, durante sua formação acadêmica, experiências de entrevistas face a face.” (p. 58)

A experiência prática o fez entender que: 1) havia um número muito grande de perguntas (demorou cerca de duas horas com cada pessoa); 2) as pessoas não entendiam perguntas que ele considerava claras; 3) as perguntas não respondiam àquilo que ele queria saber. “Eles falaram o óbvio”, “não houve nada de novo”, “ficaram cansados”, “eu me perdi na ordem das perguntas”, etc.

Assim, partimos para uma nova análise do roteiro de entrevistas, considerando tanto o material quanto os procedimentos e atitudes usadas pelo entrevistador. Realizamos um novo corte no número e tipo de questões e uma reaproximação com a temática.

B. “Eles não falaram nada de novo”.

Na primeira entrevista, a reação do aluno foi de frustração. Embora ele tivesse certezas, ouvir certezas já o incomodou. Para mim, isso significou uma mudança na atitude de Borges em relação às suas certezas – elas já o incomodavam. Discutimos o fato dos entrevistados serem seus colegas há anos, o status de cada um dentro da escola, qual a posição que já têm no ambiente de trabalho, qual a relação anterior do entrevistador com os entrevistados, e que expectativas o entrevistador e entrevistado tinham da entrevista.

A relação social entrevistador/entrevistado é um dos pontos mais importantes a serem entendidos na condução da entrevista e discutidos por vários autores (Ruquoy, 1997; Szymanski, Almeida e Brandini, 2004; Souza e Matos, 2004; Rosa e Arnoldi, 2006). Em um contexto de proximidade, é preciso entender e desconstruir um quadro já estabelecido de relações hierárquicas e, portanto, de perfis e identidades construídas nesse meio. As “representações dessas vivências e experiências” (Rosa e Arnoldi, 2004, p. 25)

¹ Nome fictício

² Execução no sentido de performance, com experiência em orquestras, música de câmara, conjuntos instrumentais diversos.

podem ficar fragilizadas por estarem fortemente vinculadas às relações sociais já estabelecidas no contexto da escola.

Assim, entender o por quê das respostas dos entrevistados, em um primeiro contato, é extremamente importante para saber até que ponto e quanto dessas informações já podem ser consideradas como o produto final a ser analisado.

Ao analisarmos as entrevistas conjuntamente, alguns pontos emergiram para reflexão e mudanças na atitude do entrevistador e condução da pesquisa: 1) a relação social já estabelecida entre entrevistador e entrevista; 2) a necessidade de desenvolver mecanismos para aprofundar informações e ir além das informações de senso-comum. Rosa e Arnaldi (2006) observam que "...é por meio de uma conversa informal e em tom natural que surgem as oportunidades de aprendizagem das melhores técnicas de entrevista" (p. 26). Foi preciso um pouco de tempo para que Borges também se sentisse à vontade, entendendo que a "posição de pesquisador" não significa uma postura rígida, distanciada e que "conversa informal" não é qualquer coisa, mas uma possibilidade para que tanto ele quanto o entrevistado pudessem se sentir à vontade, estabelecendo um diálogo e uma interação mais aprofundada.

Na próxima entrevista, Borges deveria tentar focar sua preocupação menos nas perguntas e mais no que ele queria com as perguntas do roteiro, de forma a perceber quando e como intervir nas falas do entrevistado, usando o silêncio, as perguntas devolutivas, as reticências, a solicitação de exemplos (Rosa e Arnaldi, 2006; Szymanski (org.), Almeida e Brandini, 2004) para motivar uma contribuição que fosse realmente reveladora, não apenas para o entrevistador mas também para o entrevistado.

C. "Eu não conhecia meus colegas..."

Depois de uma observação e da segunda entrevista, realizados depois de muitas reflexões, modificações e adaptações, Borges abre a porta de minha sala e me diz que, depois de tantos anos, nunca imaginou que seus colegas pensassem daquela forma. "Era um mundo deles que eu não conhecia". Sua percepção da entrevista, agora, envolvia detalhes. Cada palavra, cada suspiro, cada frase suspensa de seus entrevistados tinha valor e significado. A compreensão de Borges sobre a função e a relação das referências teóricas começou a ficar cada vez mais clara, na medida em que elas passaram a fazer um sentido real e prático, não só para a fala dos entrevistados para sua própria experiência prática. Principalmente, Borges desenvolveu uma auto-crítica a respeito da sua atuação como entrevistador e pesquisador. Sua percepção sobre os valores, as concepções, as escolhas pedagógicas de seus colegas e de seu ambiente de trabalho havia mudado. E ele também. Lembrando Demo (2003), que defende a pesquisa como processo educativo, "desde que pesquisar coincida com criar e emancipar" (p.10), percebi que um pesquisador estava se formando.

Bibliografia

- Ruquoy, Danielle. 1997. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: Albarello, Luc et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Demo, Pedro. 1996. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo, Cortez.
- Denzin, Norman K., e Yvonna S. Lincoln. 2003. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Garcia, Regina L. 2001. Para quem investigamos – para quem escrevemos: Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: Moreira, Antônio F.; Soares, Magda; Roberto A. Follari; Regina L. Garcia (org.). *Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. São Paulo: Cortez. [23-28]
- Rosa, Maria Virgínia de F. P. C. e Marlene Aparecida G. C. Arnaldi. 2006. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Souza, Airle M., e Evandro G. Matos. 2003. Reflexões sobre abordagens qualitativas, o método clínico e a entrevista como o encontro no aqui e agora entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado. In: Gerubits, Sônia; e Noriega, José Angel V. (Orgs). *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação*. São Paulo: Vetor. [34-41]
- Szymanski, Heloisa; Laurinda R. Almeida e Regina Célia A. R. Brandini. 2004. *A entrevista da pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Líber Livro.